

Artigo



MEMÓRIAS DA RESISTÊNCIA: ENSAIO SOBRE A FORMAÇÃO DE UMA “GERAÇÃO” NO RIO GRANDE DO SUL

Eliana T. dos Reis*

Resumo

Este artigo trata da temática referente às dinâmicas de construções geracionais e o trabalho de memória ativadas pelos agentes sobre um momento histórico específico. Para tanto, propõe-se, num primeiro momento, uma breve discussão bibliográfica sobre as noções de «geração» e «memória», mormente sobre a questão de aplicabilidade. No momento seguinte, o empreendimento recai na análise de um conjunto de narrativas e homenagens centradas na mobilização política da juventude de esquerda do MDB gaúcho na «luta contra a ditadura». Com estes dois momentos pretende-se discutir o uso operacional de determinadas categorias para a compreensão dos movimentos históricos e dos personagens que os anima.

Palavras-Chave: geração, engajamento político, juventude.

Abstract

This work is focused on the so-called «Youth Group» belonging to the Brazilian Democratic Movement (MDB) in the state of Rio Grande do Sul during the 70^{thies}. The data here analysed were collected through both detailed, long interviews and consacration depoiments. The historical view of the period reveals the use of a notion of generation whose making was possible through processes of celebrating political personages, events and symbols of that time. Furthermore, this study brings to light the consolidation of new repertoires of political mobilization.

Keywords: generation, polical participation, youth.

* Socióloga, mestre e doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A temática central do artigo ora proposto se insere no campo de discussões sobre o potencial heurístico das noções de “geração” e “memória” para a compreensão de um momento histórico específico e dos atores de sua produção. Para tanto, toma-se como universo empírico um conjunto de agentes que se engajou na “luta contra a ditadura” nos anos 1960 e 70 no Rio Grande do Sul. A partir das narrativas oferecidas por esses então jovens militantes de esquerda sobre o passado, busca-se apreender os usos de determinadas categorias identitárias, bem como a operação de memória ativada para tal.¹

Deste modo, a unidade entre as duas dimensões, engajamento na luta contra a ditadura e geração, reside na possibilidade de compreender o acontecimento histórico e a atuação dos atores, aliados às identificações e problemáticas aí forjadas. Isto é, observam-se simultaneamente as condições históricas, políticas, institucionais e sociais em que os agentes inauguram a sua participação partidária e o repertório de elementos articulados naquele período ainda acionados/disputados no discurso político atual. A importância atribuída ao “evento” e aos seus personagens já é, por sua vez, resultante de um trabalho de valorização deste momento como evento singular, seus episódios marcantes (campanhas políticas, cassações, intervenções intelectuais etc.) e de uma condição militante nele. Este trabalho de valorização é operado também na dinâmica de apropriação de conteúdos de identificação, de reconhecimento e de afirmação política.

¹ O material e os resultados aqui apresentados derivam de uma pesquisa mais ampla cujo enfoque era o movimento de entrada para a política institucional de um conjunto de “militantes de esquerda”, tomando sua inserção nos canais oficiais de participação política, mas também alguns espaços paralelos de atuação. Foram, nesta ocasião, examinados grupos mais ou menos coesos atuantes nas universidades e nos jornais alternativos, seus posicionamentos com vistas a conquistar espaços no âmbito partidário, os alinhamentos políticos decorrentes destes posicionamentos no processo de reorganização partidária e as leituras retrospectivas oferecidas pelos agentes sobre o “período” e sua participação nele (ver Reis, 2001).

Pode-se, então, marcar três aspectos que se constituem em elementos de homogeneização² do universo de agentes contemplados. O primeiro, e mais englobante, é que todos os agentes debutam no engajamento político institucional numa configuração social propícia para tal, ou seja, em que há uma série de movimentos (na universidade, nos meios intelectuais, políticos-institucionais etc.) que confluem para a constituição e divulgação de uma “oferta política de esquerda” para um público sensível à “ação contestatória”.³ O segundo, que é derivado do primeiro, se refere ao fato de que todos atuam (como alunos ou recém-professores e militantes) no âmbito universitário e se alimentam das formulações intelectuais que oferecem os instrumentos de compreensão e avaliação da “realidade” e da “conjuntura” a partir do arcabouço marxista em voga.⁴ Estavam, então, sob os reflexos do “regime” e de “suas ações”, da expansão do ensino universitário, convive-

² A idéia de homogeneização utilizada aqui segue as indicações de Frédéric Sawicki (1997) e se refere ao trabalho de unificação entre práticas e crenças e de conciliação em relação às regras do jogo político local, cuja coesão é forjada por afinidades entre redes, sociabilidades e submissão a uma história comum.

³ As reflexões de Michel Dobry apontam para a constituição, nos momentos de crise política, de locutores improvisados que participam excepcionalmente da formulação da oferta política e ampliação do campo do «pensável politicamente». Nesses contextos, há ainda a tendência predominante de contestação do monopólio dos profissionais da política sobre o duplo terreno da caracterização do social e da formulação de projetos de sociedade.

⁴ O marxismo se apresentava como universo de proposições a ser desvelado e a síntese das aspirações coletivas. Nesta dinâmica os intelectuais se constituíram como porta-vozes autorizados da «esquerda», de um modo geral, e como mediadores das relações entre «oposição», «regime» e «sociedade civil». Sobre isso, ver Daniel Pécaut (1990). Para os jovens esquerdistas, interpretar o marxismo e transformá-lo em instrumento de luta política se apresenta, igualmente, como o horizonte de suas afirmações. As constatações alcançadas por Pécaut (1990) foram de extrema pertinência para a compreensão da dinâmica do entrecruzamento entre o “mundo intelectual” e o “mundo político”. Para o caso em pauta, pelo ponto de vista inverso, ou seja, as formas de recepção e reinvenção pelos agentes partidários do arsenal das noções concebidas nesta intersecção na dinâmica interna do meio político.

ram com a proliferação de jornais alternativos de contestação ao regime e absorveram os impactos das disciplinas como as Ciências Sociais e a Economia, sobretudo das variações sobre o socialismo ou marxismo em prática e dos seus intérpretes autorizados no Brasil. Adiciona-se a estes o fato de que compartilhavam da contingencialidade da “juventude”, definível a princípio segundo um critério etário, mas constantemente flexibilizado em nome de outros não tão “objetivos” (a aproximação ideológica, por exemplo), e estas incidindo na inserção dos agentes em instâncias e proclamando uma identificação comum.

No “caso gaúcho” este recorte é particularmente significativo uma vez que as lideranças dessa “juventude” conquistaram posições de destaque na luta política gaúcha posterior. Ademais, os objetos de disputa e os laços de identificação atuais não raro encontram “raízes” naquele momento. Ou seja, a atuação durante a década de 1970 marcou a construção de um repertório de problemáticas e de vínculos (políticos, ideológicos e afetivos) que predominam ainda hoje.

Além disso, toma-se como uma das principais dimensões de análise a intersecção entre o “campo político” e o “campo intelectual”, tendo como referência o trabalho realizado por Daniel Pécaut (1990) sobre os intelectuais brasileiros. Atentando basicamente para a influência da política na produção intelectual, o autor faz alusão à visita de Fernando Henrique Cardoso ao Rio Grande do Sul, em 1973, para um encontro com lideranças emedebistas no Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (IEPES), em Porto Alegre. E este episódio sendo referido como marcacante da inserção dos intelectuais na política: “começam os primeiros contatos entre Cardoso e outros membros do CEBRAP, de um lado, e os dirigentes do MDB, de outro, por ocasião de uma conferência organizada em Porto Alegre pelo instituto de estudos do MDB, o IEPES [...]”. (Pécaut, 1990, p.301).

Nesse sentido, a experiência inaugurada pelo MDB gaúcho através do IEPES e dos grupos de militantes políticos que dele participavam é particu-

larmente significativa. Em primeiro lugar, por se tratar de um instituto localizado em um partido e viabilizado por sua vida interna; em segundo lugar, por ter o explícito objetivo de formação ideológica possibilitada pelo diálogo com o meio intelectual (sobretudo acadêmico) e, em terceiro lugar, por englobar uma variedade de correntes com inspirações diversas, em que a interlocução almejava assegurar uma “unidade de ação e de linguagem” (Documento 24/8/75- Convenção Regional MDB-RS).

Com a análise do IEPES e de outras instâncias de atuação da juventude do MDB gaúcho foi possível verificar que os produtos provenientes das interferências entre as elaborações intelectuais e a política eram exemplares na definição das percepções sobre a conjuntura nacional. Entretanto, a singularidade desse *locus* (o contexto sul-rio-grandense) reside justamente na possibilidade de focalizar a interferência intelectual no trabalho político, ao invés de atentar para a intervenção da política no trabalho intelectual. Isso se expressa pelo fato de que o MDB gaúcho investiu em criar no seu interior, no início da década de 70, um instituto de estudos com o fim explícito de promover o incremento da formação política a partir da realização de encontros com lideranças intelectuais de destaque nacional: o IEPES. O público-alvo visado por esse instituto eram os estudantes, professores universitários e jovens militantes do MDB. Porém, o alcance que ele abarcou com a intensificação de suas atividades se refletiu no recrutamento, em seminários com intelectuais de notoriedade, de pessoas das mais variadas proveniências sociais e políticas.

Posto isto, este artigo se divide basicamente em duas partes. A primeira é dedicada a uma breve discussão bibliográfica sobre as noções de «geração», «evento» e «memória», visando estabelecer algumas pistas concernentes às suas apropriações. Quanto à segunda parte, nesta se empreende um exercício de análise da dinâmica de construção geracional com base no exame de depoimentos dos militantes da “juventude emedebista gaúcha” e de materiais públicos de consagração.

“Geração”, “Evento” e “Memória”: instrumentos de identificação e consagração

Pode-se detectar duas modalidades mais gerais de emprego da noção de geração: aquela referente ao uso comum e imediato que se faz recorrentemente com o objetivo de localizar no espaço e no tempo um grupo de pessoas ligadas por algum tipo de vínculo e destacá-las por algum aspecto; e aquela com pretensões “sociológicas” de apreensão da existência das “gerações” a partir da definição de critérios de delimitação das suas fronteiras. O objetivo deste tópico não é, no entanto, nem o de inventariar exemplos de aplicação recorrente e usual da noção nem tampouco o de oferecer um catálogo bibliográfico sobre o tema. Tenta-se, isto sim, problematizar as apropriações da categoria de geração, pensar algumas questões práticas de pesquisa, ou seja, sobre sua potencialidade operatória e, a partir disto, clarear como está sendo apreendida tal categoria.

No trabalho intitulado *“Enquêtes sur les générations et la politique”*, Vicent Drouin (1995) oferece um recuo na história europeia a partir do século XIX para situar as transformações do conceito de geração e seu uso e, desta forma, estabelecer como as “gerações” impõem-se como atores relevantes da história.

Já no século XX, o autor e toda a bibliografia pertinente sobre o tema, destacam que um dos mais importantes avanços das investigações que incorporam a idéia de geração para a compreensão histórica, no que tange às ciências sociais, foi a tradição de trabalhos inspirados em Mannheim. Entretanto, em que pesem as contribuições fundantes da teoria mannheimiana sobre o tema geracional, há que se ter presente, conforme Drouin (1995), por um lado, que esta foi formulada com inspiração em uma situação histórica particular e por isso sua aplicação deve ser nuançada; e, por outro lado, que Mannheim vislumbrava um sentido à história, o que acabou refletindo na redução da geração a uma dimensão histórica em detrimento de sua dimensão sociológica, devendo esta, portanto, ser reavaliada e alargada.

Aportando em outro extremo, há as proposições que enfatizam a natureza simbólica das localizações ou percepções sociais para a construção geracional. Para estas, o recorte se daria em termos de uma “duração comum” (por exemplo, a explosão de valores regionalistas em diferentes locais sem que os sujeitos tenham qualquer tipo de convivência ou formem um grupo) e não necessariamente de experiências partilhadas. A autora, embora tenha avançado em relação à teoria de Mannheim no sentido de desvencilhar-se das fronteiras e caracterizações de uma geração constituída a partir de um evento historicamente datado (ou melhor, um período revolucionário), na ótica de Drouin, não consideraria alguns elementos presentes na teoria mannheimiana e imprescindíveis para o pesquisador, quais sejam os fatores políticos e eventos históricos que lançam luz ao “caso particular dos efeitos de geração acionados por períodos de transtorno político e social”. (Drouin, 1995, p. 41).

A noção de *evento* aparece, então, freqüentemente interligada à de *geração*, inclusive como componente definidor da própria existência de uma “geração”.

Para Jean-François Sirinelli (1989) é a partir de um evento fundador marcante que se constitui a geração. Os rumos da geração podem, assim, ser explicados pelas contingências do evento, que, por sua vez, atribui unidade e coerência a uma geração, como foi o caso de maio de 1968, evento esse que, inclusive, inspirou as primeiras construções mais sistemáticas sobre as “gerações” e ainda hoje é exaustivamente explorado pelos cientistas sociais.⁵ Seu argumento traz como premissa a idéia de que o evento é gerador de geração somente para aqueles indivíduos que não estiveram anteriormente

⁵ Segundo Nora: “Não haveria essa efervescência de interrogações sociológicas, econômicas, demográficas e históricas em torno das gerações se não tivesse havido maio de 68. [...] Depois de tanto tempo confinada à desconfiada indiferença onde a fugidia noção vegetava, pelo menos entre os historiadores, irá suceder-se uma verdadeira proliferação de estudos de todo gênero, sequiosa pelo fantasma de 68. [...] A fabricação da sacrossanta geração de 68 não se desencadeou com os ‘acontecimentos’. Ela se operou ao ritmo dos aniversários de décadas – 1978, 1988 – e em contextos históricos profundamente diferentes” (1997, p. 297).

expostos a um outro evento marcante, uma vez que ele próprio seria gerador de geração. Ou seja, os sujeitos implicados no recorte geracional e a própria opção do recorte se dá pelo impacto de determinado evento e não de outro, o que pode ser lido como a exclusão dos sujeitos não submetidos ao evento priorizado (que reflete a incorporação de valores partilhados etc.) da geração.

Segundo Favre (1990), o primeiro grande obstáculo a ser transposto para o tratamento geracional diz respeito às tentativas de estabelecer as fronteiras que separam as gerações uma da outra segundo critérios “objetivos” previamente definidos. Sem pretender ser exaustivo, Favre apresenta cinco fatores que podem ser tomados como indicadores de diferenciação de gerações e que não necessariamente o são.

O primeiro se refere à delimitação das gerações sucessivas segundo a ordem de entrada em cena. Esta pode adquirir significados distintos conforme as contingências históricas em que os indivíduos entram em cena (alguns períodos são mais ou menos ricos em eventos consagráveis como geracionais), razão pela qual o pesquisador não pode compará-las já que seria refém das classificações sociais e históricas produzidas pelos sujeitos.

A segunda diferença entre gerações passível de ser estabelecida diz respeito ao número de membros de uma e de outra, contudo essa “diferença geracional” pode, antes de qualquer coisa, ser reflexo de variações demográficas ou de variações conjunturais que devem ser levadas em conta.

Pode-se ainda tomar o sistema de *posições sociais* em diferentes domínios como um terceiro indicador de distinção entre gerações. Porém é preciso que se observe o que a configuração desse sistema de ocupação de postos deve ao fator idade (carreiras que iniciam em momentos diferentes, têm desdobramentos distintos, e os indivíduos ascendem em períodos disparres) e o que tem de geração (resultado de um conjunto de processos de consagração de eventos, feitos e personalidades que conviveram em determinada fase de uma esfera da vida social).

O quarto fator pode se amparar na diferenciação das práticas entre as gerações sucessivas, mas é necessário que se atente para o fato de que os mo-

dos de vida, sociabilidades, gostos etc. podem ser efeitos de inovações tecnológicas, modificações na ordem jurídica etc. E, finalmente, o quinto aspecto passível de uso é a *linguagem*, que pode ser instrumento para distinguir estratos lingüísticos correspondendo às gerações a partir de um léxico que se produz numa sociedade. Todavia, este critério levará antes à transmissão entre gerações de um repertório lingüístico do que às fronteiras entre gerações.

Nota-se o ceticismo do autor quanto à utilização de qualquer critério objetivo de recorte geracional. Estes elementos acima elencados (momento de entrada em cena, número de indivíduos participantes, as posições sociais alcançadas, as práticas e a linguagem) precisam, segundo Favre, estar articulados à dinâmica analisada. Assim, estes componentes se relacionam ao espaço no qual atuam os indivíduos (condições históricas), bem como aos significados que os sujeitos incutem a tais critérios aparentemente dotados de objetividade.

Este aspecto vai ao encontro da perspectiva de Nora (1997) de que não é possível definir, a princípio, critérios objetivos (por exemplo, demográficos ou etários) na demarcação de uma geração, porém esses aspectos, levando em consideração o universo de análise, não deixam de interferir na sua delimitação e para que ela se torne um modo de identificação por excelência da contemporaneidade dos sujeitos implicados.

As “gerações”, para Favre, não são grupos homogêneos de pessoas com as mesmas concepções, crenças, desejos, frustrações, não se delimita por classes de idades, estilos de vida, nem mesmo por um “patrimônio” comum político, intelectual, moral etc. A análise de “grupos” revela heterogeneidades e divergências no seu interior e nos itinerários dos seus membros. Deve-se observar, isto sim, as lógicas específicas que incidem na construção de referências comuns na diversidade, ou seja, quais os elementos intervenientes, as modalidades, as datas marcantes etc. que produzem estes pertencimentos.⁶ Tal forma de tratamento consiste na apreensão controlada e sistemática dos *critérios intrínsecos*.

⁶ É nesta idéia de identificação ou reconhecimento de contemporaneidade distintiva que reside à chave dos vínculos geracionais, isto é, os sujeitos se identificam e identi-

É preciso também, conforme Favre (1990), atentar para *critérios extrínsecos* de formação da idéia geracional. Com efeito, a noção de *evento* se constitui em um critério *extrínseco* que viabiliza a constituição de precisões formais ao objeto de análise e sua centralidade consiste no fato de que nele uma geração constrói sua identidade, experiencia uma condição de contemporaneidade, explorando o seu tempo e forjando os parâmetros de sua memória coletiva. Isso não significa dizer que o evento ‘fabrica’ uma geração, “como se o evento gerador fosse exterior aos homens que dele participam”, ao contrário, “são os homens que fundam o evento e que lhe conferem seu valor de evento” (Favre, 1990, p. 312). Com este argumento Favre se distancia do enfoque proposto por Sirinelli anteriormente apresentado, segundo o qual o evento é definidor da geração.

A relevância da noção de evento, para ele, residiria na associação que ele é capaz de fundar entre a exposição inaugural a que se submete um conjunto de indivíduos e os feitos históricos cuja autoria é reivindicada:

Essa referência à primeira ‘exposição’ a um evento se funda sobre a idéia de que cada geração se forma quando seus membros são jovens, mas não porque a juventude é um período onde tudo é possível, onde a disponibilidade é grande (o que somente é uma imagem social)⁷, mas porque ela não conheceu ainda nenhum evento gerador. (Favre, 1990, p. 311).

ficam os outros como pertencentes à mesma geração e operam a mesma atribuição tanto para os mais próximos como para seus concorrentes (Girardet, 1983, p. 184).

⁷ A não essencialidade no uso da categoria “juventude” significa considerar que: “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os recortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objetos de manipulação [...] Cada campo possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta. Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que de fato falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (Bourdieu, 1984, pp. 144-45). Assim, ao verificar a manipulação da categoria “juventude”, suas in-

O autor acrescenta as seguintes interrogações para os desdobramentos de um estudo deste tipo:

Por quais mecanismos sociais um evento é reconhecido por uma geração como constituindo ‘seu tempo inaugural’? Como a memória coletiva assegura a conservação e a transmissão – a transmutação – de uma certa imagem do evento? Quais são as variações do poder integrador da memória coletiva, da riqueza da representação do passado? (Favre, 1990, p. 313).

A passagem acima conduz à explicitação dos efeitos do trabalho de memória sobre a idéia de geração. A interferência da memória pode então operar como justificativa do recorte geracional, quer dizer, tal como propôs Halbwachs (1968), como indicação do modo de referência ao passado que exige assumir um grupo social como base, recortado e provido de relativa coesão e estabilidade.

Nora (1997), por seu turno, problematiza a configuração de uma *memória de grupo* nos termos sugeridos por Halbwachs, em favor da existência, sim, de *lugares de memória*, isto é:

Os lugares onde ela [a memória] se condensa e se exprime têm em comum o fato de serem lugares comuns, centros de participação coletiva, mas passíveis de uma imediata apropriação pessoal... a memória geracional advém de uma sociabilidade de conjunto histórico e coletivo para se interiorizar até as profundezas viscerais e inconscientes que comandam as escolhas vitais e as fidelidades reflexas. O ‘eu’ é ao mesmo tempo um ‘nós’”. (Nora, 1997, p. 3.003).

Deste modo, pode-se, em última instância, conceber a noção de *geração* como indissociável desta de *memória*, ambas historicamente construídas. Quer dizer, é pertinente falar de *memória geracional* para as situações de maior “tomada de consciência” de pertencimento de geração (Nora, 1997).

terdependências com o espaço político e sua transformação em identidade, que aproxima uma série de sujeitos (dotados de atributos e crenças bem específicas) e excluem muitos outros (não só os mais velhos, mas também outros jovens não militantes e não esquerdistas), têm-se um exercício de demonstração da construção de uma categoria e seus efeitos na luta política.

A lembrança, pois, é guiada por uma rede de significações e relações sobre e constituídas no “presente” informado pelo “passado”, e o “passado” sendo dinamicamente reconstituído com base no “presente”. A alusão ao passado permite reconstituir justificadamente a trajetória que se seguiu e, assim, revelar uma dinâmica de constituição e fortalecimento de grupos de pertencimentos e de fronteiras sociais, de expectativas e desencantos, de complementaridades e oposições irreversíveis (Pollak, 2000).

Memória geracional: depoimentos de (auto) consagração.

As análises a seguir permitem apreender que a utilização espontânea da idéia de “geração” parece responder ao trabalho incessante (e nem sempre racionalizado como tal) por parte dos sujeitos de ordenar pertencimentos relacionais, ou seja, em oposição a “um outro”. Para tanto, são utilizados dois tipos de materiais. Uma primeira modalidade constitui-se de algumas passagens de depoimentos em que os sujeitos revelam uma identificação geracional. Os fragmentos utilizados foram extraídos de entrevistas realizadas durante o ano de 2000 com as principais lideranças da juventude do MDB, visando o desenvolvimento da pesquisa mais ampla já citada no início deste artigo.⁸ Outra fonte de investigação foi o documento produzido a partir do Grande-Expediente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, realizado no dia 11 de dezembro de 1997, em homenagem ao primeiro ano da morte de André Forster.⁹

⁸ Ver Reis, 2001.

⁹ André Cecil Forster foi a principal liderança do IEPES e da « juventude » nos anos 60 e 70. Ele nasceu em Santa Cruz do Sul, interior do RS, onde realizou seus estudos primários e secundários. Em 1964, transferiu-se para Porto Alegre quando ingressou na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No mesmo ano, trabalhou no Instituto Brasileiro de Reforma Agrária como assessor técnico. Durante o período universitário foi secretário-geral do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da UFRGS, entre 1965 e 1966, e, depois, seu presidente, entre 1966 e 1967. No início dos anos 70, assumiu a presidência da As-

A constituição geracional indica, igualmente, a possibilidade de promover uma visibilidade social e a de contar com solidariedades (Favre, 1990). Soma-se a estas que:

“A divisão em geração exprime igualmente uma relação coletiva no tempo, é uma máquina a fabricar um tempo histórico portador de sentido social. Sabemos há muito tempo o quanto são fundamentais os mecanismos que estruturam as categorias sociais do conhecimento coletivo. Um povo vê sua história introduzindo sem parar pontos de entender acontecimentos, esses acontecimentos-entendimentos, e esses são percebidos indissociavelmente dos atores que os têm dominado” (Nora, 1997, pp. 2.976 e 3.005).

Afirma-se que as narrativas sobre o passado e suas lembranças fazem emergir uma idéia de geração cuja consagração se dá na ativação de um pertencimento (individual ou de grupo) e na celebração de um evento (“a luta contra a ditadura militar”) instituído na sua singularidade histórica.

[...] de parte em parte, atravessada de história, pelo simples fato de que se trata antes de tudo de um fenômeno largamente construído, retrospectivo e fabricado. A geração não tem nada de uma faísca no ardor da ação: é uma constatação, um balanço, um retorno sobre si para uma primeira inscrição na história [...] A geração é produto da lembrança, um efeito de rememoração. Ela somente se concebe por diferença e por oposição (Nora, 1997, p. 2.999).

sociação Gaúcha dos Sociólogos, exercendo o cargo até o ano de 1977. Também no ano de 1972, ele ingressava na Universidade do Vale do Rio dos Sinos para lecionar Sociologia e Ciência Política. Como professor universitário permaneceu até o ano de 1982. Ingressou no MDB, na assessoria do então deputado estadual Pedro Simon, na época presidente do partido, no início da década de 70. No ano de 1972, criava-se o IEPES — Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais —, e em 1978 foi candidato a deputado estadual representando o Instituto. Foi eleito vereador, em 1982, exercendo seu mandato até o ano de 1986. Nesse período, de 1982 a 1984 foi líder da bancada; de 1984 a 1986, exerceu o cargo de presidente da Câmara de Vereadores. Em 22 de março de 1996 recebeu, na Câmara de Vereadores, o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre. Foi ainda candidato a deputado estadual constituinte em 1986, Secretário de Estado e presidente estadual do PMDB na década de 90. Faleceu em 09 de dezembro de 1996.

Depoimentos de militantes

O grande marco é que todas as pessoas que estiveram envolvidas nesse período estão em algum segmento participando. Em segundo lugar, reconhecem todos entre si, mesmo que haja distância política e ideológica, há respeito e admiração pelo trabalho fecundo que foi realizado na ocasião. Que é difícil construir às vezes, mas eu acho que em política a primeira coisa que tem que construir é esse respeito, essa admiração recíproca. Porque cada um defendendo suas idéias é melhor que ter uma visão de que é adversário perene. Ninguém é adversário perene. Existem motivos que são às vezes superiores às divergências e nos quais as pessoas podem se encontrar. Uma outra marca é que ninguém teve medo de enfrentar a realidade. Claro que alguns dos nossos passaram por privações, dificuldades, penalizações de todo tipo e toda sorte, mas existiram outros que também procuraram fazer uma composição de um modelo onde todos pudessem sobreviver sob o ponto de vista político, pelo menos, da sua prática. Eu acho que o que está em exercício aí e o que tem outro valor é uma prática, um tipo de aprender a fazer reunião, a levar as pessoas a se organizar, a participar cada vez mais, a evoluir no pensamento, a evoluir na forma de administrar e quantos e tantos quantos não estão aí administrando, não digo uma prefeitura, um governo estadual, mesmo nacional, né! Hoje o presidente da República era dessa época, era do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, e seguidamente estava no RS dando palestras no IEPES junto com o Chico de Oliveira... o Weffort, bom, tantos e tantos, Eduardo Suplicy, Paul Singer, Roberto Freire, por aí vai... A grande marca é que existiam forças democráticas engajadas politicamente, mas que tinham a capacidade de fazer aglutinação de todas as forças. E me parece que hoje isso é bastante necessário ainda. (José Ivo Sartori, deputado estadual do PMDB, 53 anos)

[...] uma geração inteira deve a sua formação política aos debates daquela mesa democrática do IEPES [...] A formação política eu devo ao IEPES... presenciar um debate sobre a conjuntura que era honestíssimo do ponto de vista intelectual, que era possível se dar organizadamente sem uma liderança visível e que posições antagônicas estavam constantemente postas no debate. Dizer ‘ó, não concordo com a tua posição, acho ela conciliadora, e tal, tá propondo a conciliação de classe’, ‘não, seu trotskista, o escambal...’ Visto hoje, eu posso dizer que faria tudo de novo. Tive o privilégio de trabalhar com pessoas com as quais até hoje eu tenho laços de amizade, que eu respeito profundamente. Se tu pegar os quadros que estão mudando o Rio Grande do Sul, todos e-

les participaram conosco daquele período, maior ou menor. O Raul Pont, Tarso Genro, o Adelmo, que morreu, o Olívio, que foi preso pela Polícia Federal no dia exato que o Brizola pisava no RS... nós exigimos que pra falar com o Brizola a segurança fosse dispensada, o Brizola mandou a polícia pro raio que a parta, e aí nós entramos pra falar com ele ; era o Glênio Perez, eu, Carlos Araújo, a Dilma, o Miranda economista, o Paulo [Paulo D'Ávila]... O André [Forster], apesar das divergências políticas que nós sempre tivemos, os demais da posição dele... Pedro Bisch Neto, o Cristiano Tatsch..." (Marcos Klassman, assessor de imprensa da Secretaria de Minas e Energia, 48 anos, PT)

As passagens acima permitem apreender a importância atribuída a um aprendizado comum que se concentra principalmente no caráter de formação política e intelectual adquirido na participação de um evento marcante maior (luta contra a ditadura). Tal possibilidade de “aprender” está relacionada à existência de espaços de elaboração e assimilação intelectual em que o IEPES é referido como a expressão privilegiada.

Ao mesmo tempo, fica evidente a instrumentalização dos conteúdos caracterizados como “intelectuais” na disputa política naquele período e a apresentação disso quase como a “gênese” de determinadas características e valores presentes nas disputas políticas posteriores. Assim, as habilidades como “fazer reuniões”, “organização”, “participação”, “aglutinação”, “debater” etc., cuja origem é conferida às experiências de um momento, são interpretadas e identificadas como atributos que persistem.

Além disso, há referências aos vínculos estabelecidos e à experiência compartilhada naquele momento como componente significativo nos itinerários dos quadros políticos. A reivindicação de um ‘reconhecimento entre si’, o contato com intelectuais e políticos, os ‘laços de amizade’ e a utilização de expressões como ‘admiração’ e ‘respeito’ revelam um sentimento de contemporaneidade que se constitui também por sua dimensão afetiva, ou seja, a construção geracional é fruto de estruturas de sociabilidade que informam origens de solidariedades que são acionadas em narrativas sobre o passado e balizam as lutas no presente.

Este círculo de reconhecimentos é sedimentado pela participação comum em episódios significativos e criadores de vínculos. Dentre esses, as eleições, sobretudo aquelas ocorridas em 1976, são constantemente sublinhadas. Como é possível notar nos fragmentos abaixo:

“Em 76, aquela geração do MDB jovem saía da adolescência. Porque desse período aí um processo de relações políticas vai se consolidando... Em certa medida a densidade da ação política nessa época resulta nisso, isso significou dentro do MDB, nem sei se prosseguiu atuando no MDB jovem, com o mandato já se é do MDB adulto. A própria distinção do MDB jovem já era uma maneira de se criar um dique de contenção da esquerda... A campanha do Marcos [Klassmann] e o André [Forster] foram as campanhas mais fortes, assim, do ponto de vista de postulação, de posicionamento, foram as campanhas mais fortes, eu acho que um sucesso se credita a isso também. A relação era tão ruim de composição dos candidatos que mesmo as idiosincrasias e as diferenças, a diferença do Coppeti para os demais candidatos do MDB era uma coisa gritante. Então eu diria que a relação embora fosse de disputa no contexto global, acaba sendo de cooperação porque era a mais próxima. (Daniel Herz, jornalista e empresário, 46 anos, PT).

A partir das eleições de 76 se divide praticamente a esquerda daquela nossa geração... A pulverização da esquerda começou a partir de 76, 77 a formular hoje a continuidade desses projetos. Então, naquele momento a disputa da esquerda já ocorria internamente tendo em vista que cada um desses grupos, dessas lideranças, passava a integrar um grupo da esquerda, um setor da esquerda... Chegou a eleição de 76 e foi o ano que nós passamos da vida universitária pra participar do processo eleitoral”. (Flávio Coswig, agrônomo, vereador, 50 anos, PSDB).

Pode-se ressaltar, pois, nos relatos a ativação da categoria de “geração” associada à construção de espaços no interior do MDB, da política e da esquerda. Desse modo, os sujeitos se inserem enquanto grupo geracional no deslocamento de uma condição de atuação política restrita ao espaço disponível para a “juventude” — associada à idéia de “esquerda” — para uma condição de concorrentes na luta política do Rio Grande do Sul.

A centralidade da campanha de 1976 como o momento de passagem, ou melhor, o caráter de divisor de águas assumido, a constitui como um dos

eventos marcantes no itinerário político dos entrevistados, e nesse sentido duas considerações são relevantes. Em primeiro lugar, no que tange à apreensão dos momentos eleitorais no período estudado, este é a expressão das bandeiras forjadas na “juventude” e, ao mesmo tempo, a afirmação daqueles indivíduos como lideranças políticas. Em segundo lugar, no que diz respeito à plasticidade da categoria de “juventude”, uma vez que esta não se define por critérios objetivos de classificação (etária, por exemplo), mas por uma mudança de condição e reconhecimento na luta política. A “juventude” como categoria homogeneizadora das ações extrapartidárias ou extra-eletivas, quando transposta para o jogo político eleitoral produz sua “pulverização” ou a entrada numa “fase adulta”. Quer dizer, a passagem da “juventude” para a “vida adulta” é medida muito antes pela temporalidade da política e pelos itinerários da “geração” do que por mudanças da condição etária.

Da associação entre “juventude” e “geração”, agilizada pelos sujeitos, é possível extrair então que de uma etapa transitória da vida, a condição de “jovem” torna-se um princípio ordenador de uma imagem “distribuidora dos papéis e dos lugares, um fim em si mesmo” definindo os pertencimentos, e “quando os jovens assumem o papel dos adultos, tomam a si a dinâmica da transformação política e social”. (Nora, 1997, pp. 2.986 e 1.987).

Por sua vez, o trabalho de memória sobre a categoria geração também sofre os efeitos das transformações no estatuto dos sujeitos que elaboram as releituras sobre uma condição etária. Com efeito, o “envelhecimento”, indistintamente social, político e biológico dos indivíduos, acaba originando referências estandardizadas, como as presentes nos relatos que seguem:

Todos nós, a geração de 70, tínhamos uma preocupação política, uma preocupação social e política, que em um momento de ditadura, ela se expressou de alguma forma. Então, nós tínhamos uma, quando a gente entrou na política, nós tínhamos pela frente o paredão da ditadura, o paredão da contracultura, a dificuldade de se reunir, a dificuldade de continuar aprendendo e é claro que o que unia o pessoal todo era a luta contra a ditadura... Nós, da década de 70, nós estávamos vivendo uma revolução de costumes... então tinha música, tinha Gilberto Gil, mas

eram muitas coisas ao mesmo tempo. Tinha o marxismo, a atividade política que era um pouco perigosa, era sexo, descoberta da relação afetiva... a descoberta da percepção, da análise, as drogas... tudo isso. Nós tínhamos uma coisa muito rica na década de 70 (Cristiano Tasch, empresário e economista, 48 anos, PMDB).

Esse período foi assim riquíssimo, bárbaro. Eu costumo dizer que a gente é o rescaldo, quase o final dessa geração, dessa luta contra a ditadura, então nós nos construímos assim como militantes de uma maneira muito importante, eu acho. Eu sempre digo assim, que eu tenho claro ainda mesmo que mudado tantas coisas na sociedade, e tal, eu tenho muito claro qual é meu horizonte, qual é meu ponto de vista frente às coisas, né, mesmo que eu tenha mudado a minha situação econômica, porque eu era uma estudante, não tinha grana nenhuma, às vezes não tinha dinheiro não só pra comprar cerveja pros meus amigos na minha casa, como não tinha dinheiro pra comprar cachaca, e limão tinha no pé. Quer dizer, imagina, era aquela coisa bárbara, assim, não tinha jeito de nada, arroz com lingüiça, era uma lingüiça e dois quilos de arroz, tava bom pro sábado de noite, né. Então, assim, o fato de a gente, até do ponto de vista profissional, acho que muitos de nós deu certo amplamente, não só do ponto de vista técnico, mas do ponto de vista econômico, muitos de nós se mantêm com uma postura muito boa, frente à vida, frente ao mundo... Um exemplo importante disso é o Tarso, é uma pessoa com um sucesso estatal, digamos, quero dizer um sucesso social, é uma pessoa que consegue se manter muito firme em suas coisas, em seus projetos. (Maria Rita Assis Brasil, médica e vice-presidente do Sindicato dos Médicos do RS, 48 anos).

Nos depoimentos acima, a categoria geração aparece relacionada principalmente à vivência em um processo mais amplo, “a luta contra a ditadura”, e sua definição encerra uma idéia de temporalidade, ou seja, revela uma continuidade entre gerações que lutaram contra a ditadura. As ênfases recaem sobre o caráter lúdico atribuído à militância política, e esta ludicidade se investe de uma carga de desprendimento e responsabilidade (política e social), que é saudada por seu resultado, isto é, pelos êxitos em termos materiais conquistados e em termos de posturas diante do mundo daqueles que conviveram sob as mesmas condições.

Os entrevistados, então, não estão apenas situando um ambiente ou uma série de manifestações sob um mesmo evento (luta contra a ditadura),

mas autoproclamam toda a “geração” por um sentido “missionário, poético, social e político”, valendo-se legitimamente da “autoridade juvenil” investida pelo “mundo adulto” no qual se localizam nos dias atuais (Nora, 1997). Assim, conforme Nora:

O que dá ao grupo [...] sua missão poética, social e política é sua condição histórica: ela é a geração diferenciada. É isso o que a faz ser imediatamente reconhecida e saudada por aqueles mesmos que ela pretende substituir [...] O sentimento de perseguição é o ingrediente capital à constituição de uma consciência de geração" (1997, pp. 2.989-91).

Desta forma, a celebração de um período como um “momento extraordinário” se dá simultaneamente à atribuição de extraordinariedade da intervenção dos sujeitos neste evento. Por conseguinte, da participação e identificação neste momento, os homens políticos extraem trunfos (de experiência militante, de dedicação a uma causa, de intervenção no desencadeamento de um processo político etc.) acionados e disputados nos desdobramentos políticos posteriores. A possibilidade de utilizar na luta política (explicitamente ou não) tais trunfos, disputar objetos forjados naquele momento e dar-lhes relevância, paradoxalmente, implica a existência de um reconhecimento mútuo entre os sujeitos envolvidos, e este reconhecimento, por seu turno, é sintetizado no uso da categoria de “geração”.

Ou seja, a referência geracional não explicita as diferenças que a compõem, mas proclama uma horizontalidade entre seus membros, portanto, banaliza uma experiência compartilhada para se tornar um lugar de memória e:

[...] se ela é lugar de memória, é pelo jogo simples e sutil da memória e da história, a dialética eternamente prenhe de um passado que habita o presente, de atores tornados suas próprias testemunhas, e de novas testemunhas transformadas por seu turno em atores. (Nora, 1997, 3.007).

Forster, o IEPES e a “luta contra a ditadura”: retratos de um líder

Antes de analisar a homenagem feita a André Forster cabem algumas notas sobre a sua liderança, as possibilidades de compreensão do período a

partir da valorização de um dos seus protagonistas e a sua capacidade em catalisar a idéia de geração. O material empírico, mais uma vez, está centrado nas entrevistas em profundidade.

O potencial de personificação da geração de Forster se constitui pelos trunfos adquiridos ao longo da sua trajetória aliados aos eventos históricos singulares nos quais estes foram acionados (movimento estudantil nos anos 60, formação do IEPES e a presidência do Sindicato dos Sociólogos nos anos 70, candidato a deputado estadual na redemocratização, pleito de 1978 etc.) e reconhecidos pelos protagonistas desses mesmos eventos.

Assim, refletindo sobre as condições de liderança do IEPES das quais contava Forster, os entrevistados sublinharam o trânsito partidário, por ele estar trabalhando dentro do MDB ao lado do principal dirigente parlamentar do partido (Pedro Simon) e, por outro lado, o seu trânsito intelectual viabilizado pelo engajamento político estudantil e profissional: presidente do Centro Acadêmico Franklin Roosevelt (antiga Filosofia da UFRGS) no final da década de 60, presidente da Associação de Sociólogos, possuía contatos com componentes do CEBRAP, entre eles o seu maior expoente, Fernando Henrique Cardoso.¹⁰

Salienta-se que, para todos os entrevistados, as referências aos atributos possuídos por Forster para colocar em obra o IEPES são acompanhadas da identificação em si mesmos de recursos similares. Isto se detecta segundo a forma e as justificativas para o convite feito aos demais participantes do núcleo fundador do instituto. Ou seja, uma vez reconhecido o papel de André Forster como articulador e de mediador dos trabalhos desenvolvido naquela instância, os mesmos procuram simultaneamente grifar a posse de atributos (intelectuais e políticos) análogos aos dele.

¹⁰ Além das viagens ao RS em decorrência da realização da tese sobre o sistema escravista gaúcho, Fernando Henrique participou como conferencista da Semana de Sociologia ocorrida em Porto Alegre em novembro de 1968. O título da conferência proferida foi “Ideologia e desenvolvimento”.

Essa idéia de criação do IEPES, ela partiu do André, que era um dos poucos caras que tinha passado pelo movimento estudantil nesse período dos anos 60. E como ele começou a trabalhar no MDB como técnico, como sociólogo, aos poucos foi, é evidente, se aproximando organicamente do MDB. [fala da participação no grupo da Economia] e eu também tinha contatos e trabalhava na Filosofia, porque estava terminando o meu curso de História. Eu conhecia praticamente todo mundo da geração 64, 65, 66, 67,68. Quer dizer, eu era alguém que tinha a memória desse período, então o André nos convidou pra se engajar nessa idéia, nessa proposta (Raul Pont, ex-prefeito de Porto Alegre, PT).

Em 69 fui pra França e fiquei quatro anos lá. Acabei me envolvendo com questões de política brasileira, história do Brasil, economia, que não eram do meu interesse. Acabei me envolvendo com um grupo que publicou uma revista sobre desenvolvimento na América Latina, publiquei um artigo que foi bem recebido. Voltei pra cá, uma das vezes que eu tive aqui tinha conversado com o André, era meu contemporâneo de universidade, tava trabalhando com assessoria do MDB ; quando voltei, eu o procurei e eles já tinham o IEPES funcionando, sempre aos sábados, lá na Assembléia (João Carlos Brum Torres, professor de Filosofia da UFRGS, PMDB).

A ênfase dada ao papel de André Forster é também compartilhada por outros militantes que não participavam da direção do IEPES e atuavam em municípios do interior do Rio Grande do Sul como Santa Maria, Caxias e Pelotas:

O André era dotado de um vigor intelectual, de uma disposição, de uma generosidade também extraordinária e estava numa situação muito delicada, porque ele era o elo de ligação do partido com uma composição e com quadro dirigentes, especialmente seus parlamentares tradicionais, ele era o elo de ligação disso com a esquerda. Então, ele estava o tempo inteiro numa navalha e não podia ultrapassar um certo limite sob pena da experiência [o IEPES] ser soterrado, simplesmente ela ia ser jogada fora dentro do MDB. E por outro lado o posicionamento dele era claramente de sustentação dessas posições de oxigenação do partido. Então, tem gente que diz que o André tinha alguns, algumas posturas de fascinação, de temor, e eu acho que todas essas observações que se possam fazer se devem muito mais à delicadeza do papel que ele cumpria. E ele conseguiu segurar, se sustentar, até que essa geração começou a assumir um papel mais direto nas instâncias partidárias (Daniel Herz).

O André era, vamos dizer, de um estamento intelectual, eu acho que ele foi o grande agregador e formador dos grandes líderes políticos que nós temos hoje no Rio Grande do Sul, com uma determinada idade, que têm postos, sejam oriundos da área sindical, sejam oriundos do meio acadêmico ou que se tornaram acadêmicos posteriormente. Ou outros que já estavam na atividade política e outros já falecidos (José Ivo Sartori).

“O IEPES era o André Forster, e o Forster era uma pessoa bem respeitável. Até eu me vincular à Tendência Socialista, era mais que respeitável, era uma referência, era uma pessoa que eu admirava” (João Carlos Gastal Jr., advogado, 50 anos.).

Os fragmentos chamam a atenção para as imagens difundidas entre diferentes setores da “juventude de esquerda” do MDB no Rio Grande do Sul do “agregador”, do “intelectual” e da “referência” atribuídas a André Forster. Além disso, vinculam a posse de tais recursos à criação de um espaço para a esquerda (o IEPES) e de condições para a formação de uma “geração” de quadros políticos.

Homenagem póstuma: o “grande-expediente” como um lugar de memória

O propósito desta seção é realizar uma análise a partir de um material empírico específico e localizar alguns dos elementos discutidos até então. Antes de tudo, deve-se ressaltar que o que está em questão é como os depoimentos de celebração de lideranças após o falecimento de Forster possibilitam apreender uma gama de sentidos compartilhados e disputados, e como estes se constituem na consagração não só do “morto”, mas de categorias, como “geração” e “evento” (momentos ou períodos), significantes, bem como dos próprios sujeitos que se autorizam a depor sobre o homenageado.

Sendo assim, pode-se adotar algumas indicações de Yves Hélias (1979) no sentido de considerar a consagração dos mortos como o reflexo de uma “estrutura de trocas simbólicas” impulsionada pela crença na função gratificante desempenhada pelo indivíduo (em vida). O “julgamento valorizante” das qualificações ou ações do indivíduo legitima a realização

de “homenagens” que acabam assumindo o caráter de retribuição suscitada pelo reconhecimento por parte daqueles que permanecem vivos. Este sentimento de “dívida simbólica” com o indivíduo privado de vida não se funda apenas na consagração de sua “obra” (num sentido bem amplo), mas simultaneamente uma consagração de um universo de significados — no caso de um período repleto de lutas, eventos, feitos, marcas — que, em última instância, consagra os sujeitos que oferecem a homenagem. Estes, além de “saldar” uma dívida histórica com o homenageado, retiram do ritual, através dos vínculos atualizados nas falas, trunfos políticos para si mesmos.

Desse modo, os elementos articulados à figura do homenageado permitem a compreensão de “todo um jogo de papéis no qual o funcionamento é particularmente esclarecedor”, além das lógicas que tornam o homenageado “credor” e aqueles que homenageiam “devedores” (Hélias, 1979, p.747).

Assim, a utilização do Grande-Expediente para homenagear “a memória de André”, proposta pela bancada do PMDB, constitui-se em registro de consagração de um homem, mas também de uma época, estes viabilizados pela estratégia de consagração de um partido que herdou a sigla da oposição e reivindica a herança de sua história e de sua posição no campo político. A descrição pura e simples desse material já explicitaria sua compatibilidade com os argumentos expostos na seção anterior, dada a riqueza para a identificação da gama de classificações que emergem do que se pode chamar de uma “memória de geração”, bem como da transmissão desta memória.

Por tudo isso, as homenagens proferidas ao “homem político” falam muito, não apenas dos atributos acumulados que destinaram a ele uma posição de destaque, mas sobre a existência de uma referência comum aos diferentes sujeitos, das diferentes siglas partidárias que se manifestaram para depor sobre o homenageado. Os pronunciamentos destes sujeitos neste espaço de consagração falam, então, muito sobre eles mesmos, das suas próprias experiências e referências, da seleção operada quando da leitura sobre eventos marcantes e, para aqueles que não o vivenciaram, da aquisição desses conhecimentos. Pedir um “aparte”, formalidade desta situação institu-

cional, significa, dessa forma, confirmar um posicionamento, reconhecer-se com autoridade para posicionar-se, é partilhar de uma *doxa*, é reconhecer no homenageado uma pessoa à altura para ser homenageada e, inclusive, sentir-se incumbido de saldar uma dívida com o homenageado e com a sua obra.

A homenagem

O discurso de Giovani Feltes (deputado estadual do PMDB, organizador da atividade) articulou a valorização de traços do caráter de André Forster com suas ações e convicções políticas. A reunião dos adjetivos qualificadores da personalidade do político (competência, profissionalismo, dignidade, ativismo etc.), posteriormente reafirmados nos “apartes”, comporiam o “legado” deixado, ou seja, “um grande patrimônio ético e político”. Adiciona-se a isso que a ênfase dos primórdios deste capital reside no período ditatorial, que marca a singularidade das ações não de um “jovem”, mas de uma “juventude” que localiza nele, agora com um olhar retrospectivo sobre a história, um parâmetro de conduta, mas igualmente de distinção e singularidade (tal referência, ou reverência, se repete em outros discursos, até nos mais imprevisíveis, com será ilustrado mais adiante):

André Forster é resultado político e ético de uma parcela da nossa juventude que ingressou na universidade em 1964, defrontando-se direta e imediatamente com o regime militar que então se instaurava (Giovanni Feltes, PMDB).

Porém, é na reprodução do relato de Sérgio Gonzaga concernente à ocasião da eleição de Forster à presidência do diretório acadêmico da Filosofia que sobressai o peso dos significados atribuídos àquele momento e imprimem os princípios de constituição de uma geração, sublinhando o sentido de “missão” que lhe confere, colado ao vínculo etário, sua homogeneidade, seu *efeito sobre-regenerador*:¹¹

¹¹ A idéia de *efeito sobre-regenerador* foi concebida por Daniel Gaxie (1977) para definir a habilidade de determinadas estruturas militantes em criar outras formas de

Estamos no Bar Alaska. André Forster acaba de ser eleito presidente do Centro Acadêmico da Filosofia da UFRGS. Comemoramos a sua vitória. Na mesa, representantes de todas as facções da esquerda do movimento estudantil. Apesar dos desvios ideológicos de algumas tendências, nos julgamos a vanguarda indiscutível da luta popular contra a ditadura. Somos jovens, apenas e tão-somente jovens, e alimentamos grandes esperanças.

A heterogeneidade das tendências políticas e ideológicas presentes naquela ocasião se manifesta, como já foi dito, na heterogeneidade dos dirigentes políticos, firmando declarações na sessão solene da Assembléia Legislativa: representantes de diferentes partidos prestaram seu testemunho, num total de 16 pronunciamentos. Para fins de ilustração foram selecionados fragmentos dos seis relatos considerados mais representativos em termos de filiação partidária, e mais exemplares na explicitação de princípios compartilhados.

Não só como representante de minha bancada, mas muito decididamente por meu sentimento pessoal, não poderia deixar de falar hoje [...] para a geração que compartilhou das etapas das lutas de André Forster a esta oportunidade de homenageá-lo. E são várias as gerações. Sou talvez da primeira. Fui presidente do Centro Acadêmico Franklin Delano Roosevelt da Faculdade de Filosofia em 1963, destituído pelo golpe militar de 64. Se a minha memória não me está traindo, André Forster e eu, quando recuperamos o centro, vencemos, com a candidatura de Clóvis Paim Grivot, que foi o primeiro presidente depois da intervenção – André Forster foi o seu sucessor [...] As cenas do bar Alaska, onde eu estava, lembram todo um episódio, toda uma geração [...] Quando se pode falar de uma pessoa, que, em várias etapas da sua vida, foi capaz de lutar, foi capaz de discernir e, muitas vezes, escolheu o lado mais difícil, e quando aqui se diz que foi um lutador pela redemocratização do país, teve um papel fundamental na organização e na articulação da intelectualidade neste Estado, teve um papel fundamental na articulação do próprio MDB, naquela oportunidade, o centro de aglutinação e de ação política da proposta que tentava trazer o partido à normalidade institucional e democrática – isso

gratificações (não materiais), baseadas na afirmação de valores como integração social, sentimento de participar de uma “causa justa” e engajamento em uma “aventura rica de sentido” e de “devotamento”.

significa discernimento, visão e, principalmente, persistência”.(Flávio Koutzii, PT).

Não desejava me manifestar. Até pensei, como Chico Buarque de Holanda, ‘falando sério, preferia não falar’. Quando o deputado Flávio Koutzii, muito emocionado, não conseguia prosseguir o seu aparte, pedi a ele que continuasse, pois me sentia exatamente na mesma condição, pela amizade, pela identidade política ou por outras razões [...] André Forster era tão habilidoso com a mente que — muitos deputados devem ter lembrança disso, especialmente o sr. Rospide Netto —, foi no Rio Grande do Sul, nas promoções do IEPES, que vieram a ser conhecidos Fernando Henrique Cardoso, Francisco Wefort, Chico de Oliveira e, posteriormente, Fernando Gabeira. Enfim, todos os grandes cientistas políticos brasileiros oriundos do CEBRAP, que eram desconhecidos no país, vieram para cá nessa época, além do arcebispo dom Paulo Evaristo Arns e outros [...] André Forster nos dá a capacidade de entender que temos que continuar lutando, cada um no seu partido, cada um no seu lugar, para realmente valorizar a atividade política feita com dignidade [...] (José Ivo Sartori, PMDB).

Os dois fragmentos acima referidos permitem recuperar algumas discussões precedentes: num primeiro momento, no tocante à idéia de geração e às noções nela imbricadas (memória, espaços de socialização, identidade e evento) e, num segundo momento, no que tange à interferência intelectual nos espaços de elaboração política, e vice-versa.

Inicialmente, destaca-se a cumplicidade estabelecida entre dois protagonistas, contemporâneos de Forster, no momento histórico celebrado como de “luta pela redemocratização”. Embora atualmente pertencentes a partidos políticos oponentes (PT e PMDB), a situação que se apresenta (o peso de significações que ela expressa) promove a neutralização (mesmo que parcial) de diferenças formais e revela um nível de solidariedade. Deste modo evidencia-se um vínculo localizado no passado, mas sempre prestes a interceder no presente, e quando isso acontece, tem-se uma percepção de geração: “sentir-se na mesma condição”.

A referência comum constituída pelos atores é viabilizada por um trabalho da memória que retira do momento histórico e da experiência vivida

em tal momento elementos que ordenam posições e sentidos, retrospectivamente (Pollak, 2000). Termos como “sentimento pessoal”, “laços de amizade”, “identidade”, convivência em espaços lúdicos (Bar Alaska), unem indivíduos sob a noção de geração (ela mesma reivindicada nas falas). Adiciona-se a isso que referidos valores adquirem um sentido político quando articulados a uma idéia de “missão histórica”, que sintetiza a mobilização dos atores pela “luta democrática”.

Os argumentos expostos acima apontam para a constituição de uma identidade. A participação militante produz, então, a valorização dessa identidade quando privilegia a concepção do engajamento político como algo transcendente à biografia pessoal (Neveu, 1996). No caso analisado observa-se o esforço nessa direção, isto é, a missão proclamada pelo pertencimento de geração e seus objetivos práticos (a “democratização”) se sobrepõem às individualidades.

Fica patente, também, a importância conferida à interface com os intelectuais. Esta se expressa nas referências à organização da intelectualidade, à presença de intelectuais com notoriedade acadêmica nacional no Rio Grande do Sul e, principalmente, ao papel de André Forster na estruturação do IEPES.

O período de maior intensidade das atividades promovidas pelo IEPES converge com a demarcação dos empreendimentos mais sistemáticos dos intelectuais no campo político. Ou seja, no início da década de 70, os intelectuais se apresentavam como o ator coletivo relevante encabeçado por lideranças formadas no seu meio, comungando crenças e fixando estratégias de intervenção. A veemência do processo de abertura política manifestava-se já contando com a integração efetiva dessas lideranças acadêmicas no debate político propriamente dito, através do qual a oposição se fortalecia. Esse mergulho na política se cristalizou, inclusive, na revisão do programa do MDB em 74 (Pécaut, 1990, p. 260).

Assim sendo, o ano de 1974 foi marcado pelo engajamento decisivo dos intelectuais na “causa democrática”. O destaque de Fernando Henrique

Cardoso (citado no relato) é o mais notável no que tange à gama de investimentos dedicados às formulações teóricas e posturas práticas a ser adotadas pela oposição naquele momento.¹² O acúmulo de recursos no campo intelectual lhe garantiu legitimidade e êxito no campo político.¹³

As formulações coladas na conjuntura definem fortemente o pensamento democrático¹⁴ elaborado pelas Ciências Sociais no Brasil. Após 73, os textos destinados ao tema da democracia (na sua maior parte) se constituíram em formas de intervenções políticas dos intelectuais, informadas pelos eventos em curso e motivadas por novos desdobramentos (aberturas) possíveis (Fontes, 1996, p. 52 ; e Pécaut, 1990, p. 259).

O impacto das formulações acadêmicas, mas conjunturalmente informadas, nas ações e concepções políticas dos atores é inegável tanto quanto os trunfos políticos que a participação em fóruns de debate, como o IEPES, trouxeram para os intelectuais.

¹² Para Virgínia Fontes (1996), os dois textos que podem ser considerados fundadores, pois que re-introduzem o tema da democracia no interior do universo intelectual, são os de Fernando Henrique Cardoso, “A questão democrática”, de 1973, e Wanderley Guilherme dos Santos com a tese da “descompressão gradual” para chegar à democracia, também de 1973. A autora aponta como interlocutores de Cardoso a “elite dirigente (presidente, militares e ideólogos), os “intelectuais”, não mais de formulação de um projeto de salvação nacional e a “oposição”, sugerindo o investimento no espaço político sem mais “sonhar com um via ‘condottiere’ ” ou de apagamento de conflitos (p.55).

¹³ Sobre isso ver, Pécaut, 1990 e Fontes, 1996.

¹⁴ Segundo Pécaut, este “pensamento democrático” fundamenta-se reativação da “sociedade civil: este é na verdade o lema que se difundirá no quadro de abertura. Ele não comporta quaisquer concessões ao liberalismo ou exaltações à democracia formal” (1990, p. 290). A ordem agora é institucionalizar o dissenso, por uma ação sustentada em um realismo pragmático em detrimento das práticas revolucionárias, estas últimas desvalorizadas pela estratégia dos militares de definir o “golpe de 64” como “revolução”, apresentando um *deslocamento da significação política da palavra* (Fontes, 1996, p. 232). Conforme Fontes, apenas com a reativação dos movimentos sociais no fim da década de 70 é que ocorrerá a revalorização da idéia de “revolução”.

O olhar dos oponentes

Líderes e políticos que realmente praticam política na sua essência, na sua pureza, destacam-se em todos os tempos, e André Forster destacou-se num momento importante da vida política brasileira, liderando muitos jovens, mantendo-se ao lado de muitos jovens de todos os partidos de esquerda [...] Espero que os jovens que nos acompanham, que militam na política tenham o sucesso e a habilidade política de André Forster (João Fischer, PPB).

Vossa Excelência tenha a absoluta certeza de que não há nenhuma contradição em ver um filho da ARENA se manifestar, respeitosamente, para reconhecer o trabalho de um antigo adversário político, André Forster, num escalão bem superior ao meu, deu exemplos consolidado, idéias de ações no Rio Grande do Sul que todos nós reconhecemos (Francisco Appio, PPB).

As passagens de políticos oriundos da ARENA e situados em posições políticas opostas às do homenageado indicam a relevância do reconhecimento da autoridade do oponente no embate político. O que se observa é a afirmação de eventos históricos que impuseram, por meio das lutas dos seus protagonistas, uma carga simbólica da qual nem os oponentes podem se esquivar.

Assim, devido à importância social e política conquistada por Forster em um evento histórico marcante para todos aqueles nele inseridos (o regime militar e a “luta pela democracia”), o mesmo acaba incorporando o capital simbólico acumulado nas e pelas lutas travadas naquele momento. É ele o referencial de um engajamento ocorrido no momento dos fatos e de uma reivindicação da fidelidade às atitudes então adotadas.

É importante lembrar que os atributos ressaltados na homenagem são resultado de um longo e incessante trabalho de “recuperação da memória” ou de reconstrução efetuada pela memória dos atores políticos envolvidos (entre eles o próprio homenageado). A eficácia desse trabalho é tão marcante que, independentemente das posições políticas, o valor democrático passa a ser patrimônio de protagonistas de uma jornada historicamente situada.

Cabe ainda ressaltar a afirmação de um corte etário que distingue, que classifica e que fornece ao ator-referência uma série de qualificações socialmente reconhecidas e valorizadas, tais como a “pureza na prática política”, “liderança” e “habilidade”, estas evidenciadas em um “momento importante da vida política brasileira”. Observa-se, novamente, a afirmação do evento como produtor de efeitos duráveis e de identificação.

A condição de “jovem”, que é afirmada e reafirmada em quase todos os pronunciamentos, é utilizada para informar uma especificidade etária correlacionada a atributos como disposição, voluntarismo, desprendimento etc. Cumpre lembrar que a categoria “juventude” adquire diferentes usos e sentidos conforme o espaço de lutas em que ela está inserida. A caracterização feita é indissociável do universo de protestos em que ela foi produzida.

A recepção de um “legado”

André Forster, sem dúvida, é merecedor deste registro histórico. Queremos nos associar à sua conduta pessoal, à sua disposição de não se afastar de suas convicções políticas, como forma de prestar, hoje, aqui, uma homenagem à sua luta política [que] contribuiu decisivamente, às vezes a duras penas, para que este país fosse redemocratizado, para que houvesse abertura, para que efetivamente nos livrássemos do processo ditatorial, concentrador e até opressor que vivemos ao longo de trinta anos (Beto Albuquerque, PSB).

Recordamos a época em que fazíamos campanha na universidade e a influência política que o homenageado exercia sobre as lideranças estudantis da época, entre os quais nos incluímos. André Forster, pelo papel relevante que desempenhou contra a ditadura militar e, depois, na luta de todos nós pela consolidação do regime democrático [...] Tomamos caminhos políticos partidários diferentes, mas tenho absoluta convicção de que nos une ao André o laço do objetivo comum pela construção da sociedade que desejávamos construir, aliás, uma sociedade muito diferente da que está aí. (Vieira da Cunha/PDT)

As passagens acima corroboram as considerações já feitas, motivadas pelos relatos precedentemente explicitados. No entanto, aqui se expressa um novo elemento, qual seja o da proclamação e reivindicação da herança deixada por Forster.

A localização e a centralidade facultadas ao homem político para a “abertura” e “consolidação democrática”, sendo enfatizadas por dois políticos que ingressaram na atividade política posteriormente (final da década de 1970), demonstram os resultados dos investimentos empregados pela “geração de André Forster”, no sentido de promover e fixar símbolos de identificações políticas e ideológicas. Numa arena de diversificação partidária (reorganização do sistema partidário), há a permanência do legado e dos valores anteriormente construídos e constantemente re-atualizados, inclusive com o apoio das novas versões oferecidas pelos novos atores.

Desta forma, “associar-se a sua conduta” e “incluir-se entre aqueles influenciados” por Forster, assim como “homenagear a luta política” e estabelecer a equivalência do “objetivo comum” (sociedade diferente) significam partilhar das prerrogativas inerentes àqueles que comungam uma causa vivida como transcendental. Muitas vezes esses herdeiros são responsáveis pela atualização da causa e pela construção da sua memória, constituindo sentidos para os seus atos e suas posições na esfera política mediante a organização de uma narrativa e da sua localização nesta narrativa.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. “La ‘jeunesse’ n’est qu’un mot ”. In.: BOURDIEU, Pierre. *Questions de Sociologie*. Paris: Les éditons de minuit, 1984, pp.144-145.

DOBRY, Michel. *Sociologie des crises politiques*. Paris: Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1992, 306 págs.

DROUIN, Vincent. *Enquêtes sur les générations et la politique (1958-1995)*. Paris: L’Harmattan, 1995, 368 págs.

FAVRE, Pierre. “De la question sociologique des générations et de la difficulté à la résoudre dans le cas de la France”. In. FAVRE, Pierre e CRÊTE, Jean. *Généra-*

tions et politique. Paris: Economica et PUL, 1990, 370 págs.

FONTES, Virgínia M. G. de M. «Démocratie et révolution: Sciences Sociales et pensée politique ao Brésil contemporain». Tese de doutorado. Paris: Universidade de Paris X. 1996, 372 págs.

GAXIE, Daniel. «Economie des partis et rétributions du militantisme». *Revue Française de Science Politique*, vol. XXVII, n1, 1997, pp.123-154.

GIRARDET, R. «Du concept de génération a la notion de contemporanéité». In. *Revue d'histoire moderne*. 1983, pp. 257-271.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF. 1968, 205 págs.

HÉLIAS, Yves. “Pour une sémiologie politique des monuments aux morts”. In. *Revue Française de Science Politique*, vol. 29, n° 4-5, 1979, pp. 739-759.

NEVEU, Érik. *Sociologie des mouvements sociaux*. Paris: La Decouvert, 1996, 128 págs.

NORA, Pierre. “La Génération”. In.: NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire*, vol. 2, Paris: Gallimard, 1997, pp. 2.975-3.015.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil, entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990, 336 pg.

POLLAK, Michel. *L'expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale*. Paris: Metailié, 2000, 342 pg. (Collection Leçon des Choses)

REIS, Eliana T. «Juventude, intelectualidade e política: espaços de atuação e repertórios de mobilização no MDB dos anos 70. Dissertação de mestrado, PPGCP/UFRGS, 2001, 248 págs.

SIRINELLI, Jean-François. “Génération et histoire politique”. In. *Vingtieme Siecle, Revue d'Histoire*, n°. 22, avril-juin, 1989, pp. 67-80.

SAWICKI, Frédéric. *Les réseaux du Parti Socialiste*. Paris: Belin, 1997, 336 págs.